

**FINTECHS: NOVOS ATORES DAS FINANÇAS CONTEMPORÂNEAS –  
UM OLHAR GEOGRÁFICO****FINTECHS: NEW PLAYERS IN CONTEMPORARY FINANCES - A  
GEOGRAPHICAL VIEW****FINTECHS: NUEVOS ACTORES EN FINANCIACIÓN CONTEMPORÁNEA:  
UNA VISIÓN GEOGRÁFICA****Sandra Lúcia Videira**

Doutora em Geografia pela Unesp – Presidente Prudente. Docente no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO – Guarapuava-PR.

slvideira@uol.com.br

**RESUMO**

A questão da financeirização da sociedade por meio da disseminação das Fintechs demonstra mudanças na estrutura do setor bancário e financeiro no país. Assim, esta pesquisa pretende compreender a disseminação das Fintechs no Brasil enquanto componente da mundialização do capital. Diante disso, espera-se contribuir para a Geografia Financeira e permitir um maior conhecimento sobre a expansão das Fintechs no Brasil.

**Palavras chaves:** Geografia Financeira; Fintech; Tecnologia; Finanças; Sociedade da informação

**ABSTRACT**

The question of society's financial process through Fintechs's spread supports the changes on banking and financial sectors structure in the country. Therefore, this research aims to understand the expansion of Fintechs in Brazil as a component of capital globalization. This way, it is expected to contribute to Financial Geography knowledge and allow a better understanding about Fintechs dispersion in Brazilian territory

**Keywords:** Financial geography; Fintech; Technology; Finance; Information society

**RESUMEN**

El tema de la financiarización de la sociedad a través de la difusión de Fintechs demuestra cambios en la estructura del sector bancario y financiero en el país. Por lo tanto, esta investigación tiene como objetivo comprender la difusión de Fintechs en Brasil como un componente de la globalización del capital. En vista de esto, se espera que contribuya a la Geografía Financiera y permita un mayor conocimiento sobre la expansión de Fintechs en Brasil.

**Palabras clave:** Geografía financiera; Fintech; Tecnología; Finanzas; Sociedad de la información

## INTRODUÇÃO

Embora a Geografia tenha avançado na análise dos fenômenos espaciais, econômicos e sociais, o setor financeiro sempre esteve à margem. Os fluxos de capital, pessoas e mercadorias estão se tornando cada vez mais intensos carecendo de estudos. Dentro deste contexto, o sistema financeiro se sobressai como o mais globalizado e por isso gera interesse em desvendá-lo sob suas mais variadas formas de acumulação.

As inovações da microeletrônica, da informática e das telecomunicações possibilitaram o encurtamento dos horizontes; uma parafernália enorme que envolve computadores, softwares, satélites espaciais, aparelhos da telefonia celular e videotexto, centrais e cabos telefônicos de fibras óticas, entre outras, decorrentes das constantes transformações e necessidades dos modelos produtivos.

As várias transformações ocorridas nas três últimas décadas vêm imprimindo um caráter de fluidez ao território, mudando a composição da economia na direção das prestações de serviços, dentre eles, os voltados para as finanças, o que nos incita a compreender esse mosaico de novos elementos urbanos e/ou novos formatos financeiros que despontam no cenário contemporâneo, como já apontavam Videira (2009) e Contel (2011).

É diante esse novo cenário, que passa a compor o sistema financeiro, que nos debruçamos nessa pesquisa, como forma de compreender as mudanças pelas quais passam as finanças e suas implicações territoriais e sociais, permitindo penetrar nas espessuras sócio-econômicas, territoriais e tecnológicas enquanto conteúdos contemporâneos da sociedade e também suporte para a disseminação de uma financeirização do espaço cada vez mais intensa.

Acreditamos que a disseminação das fintches no Brasil e no mundo compõem esse cenário no momento e, presta bem a uma investigação geográfica que possa contribuir para a leitura da mundialização do capital e de uma Geografia Financeira.

## **O CENÁRIO: UMA PARAFERNÁLIA TECNOLÓGICA APROPRIADA PELAS FINANÇAS**

Refletir sobre as dinâmicas sócio-econômicas contemporâneas nos exigem análises que permitam a leitura de um processo que se realiza a partir de um movimento mundial, sendo importante considerar o atual momento de globalização da economia e da sociedade, em que “tudo que é local, nacional e regional revela-se também global” conforme ideias de Ianni (1996, p.163).

Um elemento de grande destaque e que impulsionou tudo isso é a configuração de uma autopista global da informação: a *internet*. São nas cidades que se materializam em grande parte tais elementos e, onde se tem o destaque quanto a concentração/dispersão de atividades, pessoas e fluxos dos mais variados. Este novo estilo de desenvolvimento, baseado na difusão acelerada e simultânea de inovações técnicas é a marca deste constante processo de aperfeiçoamento tecnológico, que a informática associada aos meios de telecomunicações vem possibilitar ao homem, não só usufruir de uma maior capacidade de informação que pode ser processada, como também de uma velocidade cada vez maior, chegando a instantaneidade e permitindo, principalmente, ao capital, uma fluidez sem precedentes.

É partir dessa leitura de conjuntura que Castells (2002, p.189) defende o nascimento de uma nova economia com década e espaço definido. Para ele “a nova economia surgiu em local específico, na década de 1990, em espaço específico, o Estados Unidos [...]”, ao redor também de ramos específicos, em especial da tecnologia da informação e das finanças. E isso sucedeu-se nos EUA por conta da combinação de fatores tecnológicos, econômicos, culturais e institucionais, mais especificamente no estado da Califórnia, com o Vale do Silício, considerado berço de descobertas e invenções revolucionárias na área da tecnologia da informação, reforçando a ideia de que o desenvolvimento da inovação é dependente do meio que o envolve (FERRÃO, 2002).

Essa nova economia delineada por Castells (2002), que Valle (2009), Mendez (2015) e Reis (2011) denominam de economia do conhecimento ou economia criativa, está calcada na informação, é organizada na forma de rede, o que a torna mais flexível e

de alcance global. Não diferente, Santos (1996) e tantos outros autores destacam esse novo veículo de acumulação de capital – a informação, elemento essencial do processo produtivo. Logo, a tecnologia da informação, que tem como base a informação e o conhecimento, são elementos vitais para o crescimento econômico contemporâneo.

Para Vale (2009, p.1) esse arcabouço da inovação é uma fonte importante para subsidiar o entendimento dessa relação da inovação e território, ao trazer a luz “o processo de globalização e a economia do conhecimento colocam novos desafios para o desenvolvimento de cidades e regiões, em virtude do estabelecimento de novas arquiteturas organizacionais e espaciais”, onde entendemos a oportunidade para a criação e disseminação das Fintechs, tratada neste trabalho. Essa temática da inovação vem ganhando importantes contribuições a partir de Méndez (2015), Ferrão (2002), Arbix (2007), Vale (2009) entre outros.

Diante esse arsenal de inovações e a liberdade trazida pelas mesmas, o setor financeiro se apropriou, se reinventou tecnológica e organizacionalmente. Assim podemos perceber que a alma dos negócios realizados com base na internet e nas tecnologias da informação de um modo geral, está na conexão entre produtores, consumidores e prestadores de serviços. Mas, também está nos sistemas de produção mais flexíveis, na criatividade empresarial entre outras coisas que implicam diretamente na formação e expansão da nova economia que se apoia naquilo que Milton Santos (2008) trata como um circuito superior da economia.

Para melhor entender como essa onda de inovação vem ganhando cada vez mais força é importante citar que, a inovação sempre esteve presente na história da humanidade, ela vem acompanhando cada fase do desenvolvimento do homem. Tendo relação direta até mesmo com a nossa sobrevivência, pois por quase todo o percurso da nossa existência o homem teve que inovar para contornar os problemas.

Nos dias atuais, essa relação entre sobrevivência e inovação ainda se faz muito presente, principalmente no sistema capitalista que, por conta de suas recorrentes crises, busca sempre novos meios de produção e de acumulação do capital. Nesse

momento que entra as ideias revolucionárias por meio da inovação. Gomes (2019, p.166) sublinha que

[...] a inovação como força produtiva contribui para o processo inovador, produzindo novas dinâmicas territoriais da inovação. Nesse contexto, o capital produz e se (re)produz no espaço de forma desigual a partir de seus interesses. Assim o espaço se reproduz como condição/produto da acumulação do capital.

Portanto, a centralidade do conhecimento e a seletividade do território são fatores que moldam os avanços da inovação, isso porque o fenômeno de inovar ocorre de forma heterogênea não chegando a todos os lugares mesmo em plena “era globalização”. Isso comprova que a inovação quase sempre fica restrita a países, empresas ou lugares que possuem um compilado de fatores que propiciam o desenvolvimento e, assim, por conseguinte a inovação. Ainda nessa perspectiva, Vale (2009, p.13) aponta que:

À territorialização da inovação justifica-se pela relevância do conhecimento localizado do tipo tácito, que pode ser definido como conhecimento com origem na prática e baseado na experiência, logo dependente de contextos sócio-territoriais.

Assim, nesse momento em que a história do capitalismo vem caracterizando-se pela aceleração do ritmo de vida, de tal maneira que parece que o espaço encolheu sobre nós, conforme Harvey (1992), é chegado também um momento relevante para a Geografia tomar como tarefa todos esses apontamentos da “compressão tempo-espaço”, visto que as noções do tempo e espaço se modificam em virtude da agilização de pessoas, capitais, mercados, idéias, tecnologias, imagens e informações.

Isso nos faz refletir sobre a sociedade da informação, como define alguns autores a exemplo de Castells (2001 e 2002) e TELEFÔNICA (2002). Segundo a Telefônica (2002, p.16) “Sociedade da informação é um estágio de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros (cidadãos, empresas e administração pública) de obter e compartilhar qualquer informação, instantaneamente, de qualquer lugar e da maneira mais adequada”. Castells (2002) argumenta que este novo paradigma, baseado na sociedade do conhecimento, é marcado pela informação enquanto

matéria-prima e com forte inserção de novas tecnologias, que permitem um mundo em rede e uma flexibilidade intensa. Para ele, a informação, o conhecimento, o desenvolvimento de pesquisas, o empreendedorismo e a inovação são elementos que constituem esse cenário. Elementos que nos fazem compreender não só o contexto mas também as ferramentas criadas que vão subsidiar uma integração e uma fluidez cada vez mais intensa do capital pelo mundo, e possibilitar o surgimento de novas topologias financeiras que concorrerão com formas tradicionais do sistema financeiro mundial, a exemplo das Fintechs.

### **A PEÇA: FINTECHS - NOVOS ATORES DAS FINANÇAS CONTEMPORÂNEAS**

Pensar o espaço financeiro é pensar em sua multiplicidade de inter-relações com o território. Nesse sentido, são as várias topologias do sistema financeiro e das finanças que colaboram para a fluidez do dinheiro e sua materialidade no território.

Dentro dessas topologias se sobressaem os bancos, principais operadores das finanças. Eles realizam a intermediação financeira, caracterizada pelas operações de empréstimos, depósitos, oferta de crédito, etc. São ainda os responsáveis pelos financiamentos a curto e médio prazo do comércio, da indústria e dos serviços, os bancos comerciais fornecem créditos simples ou em contas garantidas, captam depósitos e fazem outras operações ligadas ao crédito, ao câmbio e ao comércio (SANTOS E SILVEIRA, 2011, p.189). Coexistem ainda com as agências bancárias, os correspondentes bancários, as cooperativas de crédito, as seguradoras, os bancos digitais como as Fintechs, dentre outras topologias.

Os estudos sobre esses fixos geográficos possuem um considerável acervo de discussões e análises que colaboram para o entendimento da geografia financeira, como os empreendidos por Dias (1992) e (2006), Correia (1989) e (1995), Videira (2009), Contel (2011) para citar alguns. A circulação do dinheiro, em tempo de mundialização do capital tem ganhado outras topologias mais “modernas” ou “alternativas”, mas ainda carentes de reflexões, como o dinheiro de plástico, as moedas digitais, as Fintechs, as moedas sociais e também os bancos comunitários. Estes últimos com uma perspectiva

diferente do sistema financeiro tradicional, já que este segmento vai na direção de atender serviços financeiros solidários, “de natureza associativa e comunitária, voltados para a geração de trabalho e renda na perspectiva de reorganização das economias locais, tendo por base os princípios da Economia Solidária”, como afirma Segundo e Magalhães (2009, p. 21). Mas não são destes que estamos falando hoje, e sim dos bancos e finanças tradicionais, aqueles com sede de lucros e novos mercados consumidores, que buscam alternativas para continuar seu intenso processo de acumulação e giro de capital, cada vez mais apoiados num intenso processo de desenvolvimento tecnológico e reengenharia administrativa.

A utilização de recursos tecnológicos na área financeira não é nova, pode ser observada desde a disseminação dos cabos telegráficos transatlânticos em 1886, o que permitiu uma incipiente integração financeira já no final do século XIX, a partir das agências de bancos estrangeiros que já atuavam principalmente em países periféricos dando suporte aos financiamentos de infraestrutura, indústria entre outros.

Dessa maneira, o setor cresce apoiado na inovação tendo a tecnologia como aliada estratégica. A criação do banco 24 horas, a disseminação dos caixas eletrônicos, dos cartões de créditos e do *home banking*, a partir da década de 1990, já cumpriram esse papel. Segundo Pinto (2018, p.11)

atualmente, seguindo a linha de evolução tecnológica encontram-se os bancos digitais (suas plataformas são totalmente *online*) que atingem principalmente o público jovem, prometem facilidade, menos burocracia, otimização e tarifas reduzidas. Exemplos são Next (banco digital do Bradesco), Inter, Neon e Original.

E, são estes que apresentam lacuna de estudos na academia, o que urge de análises tendo em vista as implicações que eles podem provocar em todo o mercado financeiro, como afirma Mackenzie (2015).

Os bancos digitais são as instituições financeiras que operam de forma online, da abertura da conta aos pagamentos o cliente pode fazer tudo virtualmente, e o fato deles não possuírem estrutura física, os custos de operações são menores o que permite eles

oferecem serviços a preços mais baixos ou gratuitos aos clientes. Eles são parte de uma nova topologia financeira, um dos ramos de atuação Fintechs.

Fintech é um termo criado a partir da fusão das palavras financeira (financeiro) e *technology* (tecnologia) e se refere aos serviços financeiros que são possibilitados pela tecnologia, opera com estrutura enxuta, custo de capital baixo e ambiente regulatório pouco definido. Segundo Pinto (2018) o termo foi cunhado pelo presidente do Citicorp na década de 1990, John Reed. Enquanto que Clarysse et al. (2016) *apud* Brito (2018, p.6) argumentam que a origem do termo Fintech pode ser atribuído ao programa de aceleração de startups desenvolvido pela empresa Accenture em parceria com o governo da cidade de Nova York (EUA).

Segundo Pinto (2018) a PayPal, fundada em 1998 nos EUA, é considerada uma das primeiras Fintechs do mundo, uma empresa de compras e pagamentos *online* sem intermédio de bancos.

Esse termo ganhou evidência a partir da crise financeira de 2008<sup>1</sup> e de movimentos tecnológicos importantes, como a difusão dos smartphones, os avanços no campo da inteligência artificial e aprendizado de máquina, e o surgimento do Bitcoin e de sua tecnologia subjacente (Blockchain) (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2019, p.7.). Nesse contexto, as instituições não bancárias, apropriando-se da inovação tecnológica ganham espaço no setor financeiro.

No Brasil as Fintechs vem conquistando o mercado financeiro nacional, com suas propostas revolucionárias, custos baixos e sua praticidade atraem um vasto público, principalmente de jovens, aqueles que alguns chamam de “geração Y”, outros de “nativos digitais”.

Sem falar, que a abertura de conta dispensa a presença física, toda a documentação é digitalizada e enviada por canal eletrônico, inclusive a assinatura eletrônica por ferramentas virtuais, ou seja, tudo é on-line. Segundo Marques (2018, p.19)

---

<sup>1</sup> Conforme MINISTÉRIO DA ECONOMIA (2019, p.7) os bancos sempre foram capazes de acompanhar os processos tecnológicos, muitas vezes sendo pioneiros, mas com a crise de 2008, o foco foi ampliar a governança e gerenciar os riscos.



“a ideia da digitalização total de algumas startups surgiu por conta da aderência aos dispositivos móveis por parte da população cada vez maior”, é isso é notável quando observamos os dados de aparelhos móveis. O número de aparelhos no mundo, em 2000, girava em torno de 738 milhões, em 2019 esse número saltou para 8,6 bilhões, superior ao número de habitantes no planeta. No Brasil, em 2000 eram cerca de 23.188.171 aparelhos, em 2019 ultrapassou os 231.800.000. Um crescimento brutal a nível de mundo e obviamente também no Brasil, como mostram os dados<sup>2</sup>.

Conforme Jorge *et al.* (2018), um estudo de 2016 aponta que países com o sistema financeiro bem desenvolvido, atualizados tecnologicamente e com grande número de pessoas com smartphones, tendem a ter mais Fintechs. O que corrobora para que os países com alta densidade de smarthoners serem também os que possuem o maior número de Fintechs: Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Índia e Alemanha.

Esse cenário vai ao encontro da explosão no número de Fintechs, que buscam por nichos mais afeitos as tecnologias e custos mais reduzidos nas operações.

Nesse sentido Marques (2018, p.21) afirma que:

O mecanismo introduzido pelas Fintechs é fora do padrão. De acordo com estudos financeiros, o valor investido em empresas dessa natureza cresceu 75% ainda em 2016 no mercado global. No total, mais de 50 bilhões de dólares foram investidos no mundo em Fintechs desde 2010. No geral, a grande relevância é a ruptura que o mecanismo representa na cultura bancária mundial.

Toda essa inovação voltada ao mercado financeiro, especialmente das Fitnechs, vai na direção de uma personalização, agilidade e simplicidade dos serviços aos usuários, que por ora sintetizam tecnologias como: aprendizado de máquina (por meio de modelos estatísticos e matemáticos traçam padrões para otimizar as decisões, eficiência e produtividade com custos baixos, voltando-se também para prevenção de fraudes, marketings, gerir riscos , sensores embarcados em objetos físicos - internet das coisas (software e sensores coletam e enviam dados, permitindo as empresas monitorar as

---

<sup>2</sup> Dados pesquisados em vidersas fontes,principalemtne da Teleco.com e do relatório da UIT. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx>

atividades dos consumidores, seja para limitar eventuais riscos, seja como suporte no autoatendimento dos caixas automáticos, mas também mas também apropriados por seguradoras para determinar os níveis de riscos e definir valores); biometria (autenticação por meio da retina, digitais, voz e expressões faciais que traduzem em segurança e rapidez para operações bancárias de rotina (saldos, pagamento de contas, transferências etc), computação em nuvem (armazenamento, segurança e preço garantem adoção desse tipo de serviço), APIs públicas (Application Programming Interface) (padrões de programação que permitem interação com aplicativos, mídias sociais e plataformas de dados de bancos e empresas) e; tecnologia de registro distribuído (DLT – Distributed Ledger Technology) (método inovador para registrar e compartilhar dados entre múltiplos locais de armazenamento e participantes, muito útil para as operações de criptomoedas) (MINISTERIO DA ECONOMIA, 2019, p.8-9).

Assim, as Fintechs remam em sentido oposto ao das instituições financeiras tradicionais: os bancos, caracterizados como um dos setores mais burocráticos, embora ainda sejam as instituições que mais lucram no país e no mundo, superando o ganho de muitas outras grandes empresas do setor produtivo, o que revela o poder e papel que desempenham. Segundo o noticiário econômico, os 4 maiores bancos do país (Banco do Brasil, Bradesco, Itaú Unibanco e Santander) lucraram mais de 81 bilhões de reais em 2019, um aumento de 13,1% em relação ao ano anterior, superando com folga os indicadores de crescimento do país (PIB 1,1% e inflação 4.3%).

Além disso, segundo a Startse (2019) a regulamentação do *open banking* também tem impulsionado o crescimento dessas startups financeiras. Sua implantação trará grandes mudanças para o mercado financeiro, com a integração entre os diversos agentes do setor, como bancos e Fintechs. Nessa proposta os bancos passam a disponibilizar suas interfaces de programação de aplicações para que outras empresas criem serviços integrados a elas. A previsão é de que o Brasil regule o tema até o final de 2020. Desde janeiro de 2018, o Open Banking passou a valer na Europa. Na Ásia, a regulamentação foi liberada em Singapura, Hong Kong, Malásia e Coreia do Sul. Aos poucos, outros países estão trabalhando para colocar em prática o modelo. Não por acaso o diretor de Regulação do BC, Otávio Damaso, em palestra no seminário FintechView

2019, afirmou que “O open banking tem potencial para fazer no sistema financeiro o que a internet fez para as comunicações”.

Segundo Barbosa (2018, p.54) o relacionamento entre as Fintechs e os bancos brasileiros, podem ser analisados a partir de quatro fases, sendo elas:

O primeiro momento foi definido como momento de rejeição, uma vez que os bancos imaginaram que as Fintechs não representavam ameaça, dado seu pequeno tamanho. A segunda fase foi a de atenção. O surgimento de diversas iniciativas, após 2010, relacionadas ao universo das Fintechs foi emergindo no cenário internacional e trazendo à discussão o potencial dessas novas empresas junto ao setor bancário. A próxima fase foi a de aproximação, onde os grandes bancos criaram um ambiente de relacionamento com essas empresas. E finalmente a fase de colaboração, onde já existe uma maturidade do relacionamento entre os bancos e as Fintechs.

Os bancos foram construindo sistemas de dados e infraestrutura robusta ao longo dos anos, alguns antigos, mas eficientes. No entanto, dificulta a migração para modelos de negócios mais modernos, mas são mecanismos para serem revistos, pensando num número crescente de usuários que preferem utilizar serviços financeiros por meio digital, em substituição às tradicionais agências bancárias. Tendência, em parte, decorrente da inclusão financeira de “nativos digitais”. (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, p.7-8, 2019)

Espera-se que um dos efeitos desse papel que as Fintechs passem a ocupar no mercado financeiro, force os bancos tradicionais a melhorar a qualidade de seus serviços e da cobrança de suas taxas. Embora saibamos que historicamente quando eles foram forçados a se ajustar, principalmente diante a conjuntura posta por tantos planos econômicos como apontou Videira (2009), a saída preferida sempre foi cortar custos com redução de emprego.

Assim, as instituições financeiras tradicionais investem massivamente na digitalização de seus serviços. Por exemplo, o maior banco da Alemanha (Deutsche Bank) anunciou o investimento de 1 bilhão de euros em digitalização até 2020 e o segundo maior banco espanhol (BBVA) investiu uma média anual de cerca de 800 milhões de euros desde 2011, sem falar que as instituições tradicionais visam cada vez mais beneficiar de

alianças com as Fintechs, criando fundos de capital de risco para além de US\$ 100 milhões (GUEDES e MATOS, 2018).

Embora recente, a primeira Fintech – Nubank – começou a operar no Brasil em 2013, as Fintechs vem balançando o sistema bancário tradicional do mundo todo. A proposta da Fintech, que são startups<sup>3</sup>, é trabalhar para inovar e otimizar os serviços financeiros, deixando de lado a burocracia colocada pelos bancos tradicionais e apresentando valores muito mais reduzidos pelos serviços oferecidos, como reflexo da eficiência tecnológica utilizada por elas.

As startups são categorizadas conforme o segmento que atua, sendo: as Fintechs (ligadas ao segmento financeiro), as proptechs (imobiliário), as it techs (tecnologia da informação), as lawtechs (legislação), as healthtechs (saúde), as hrtechs (recursos humanos), as edtechs (educação), as sportstechs (esportes), entre outras. No Brasil as startups ligadas ao sistema financeiro ocupam o 2º lugar no *ranking*.

As startups são instituições inovadoras, com objetivo de oferecer um novo serviço ou produto sob condição de extrema incerteza, conforme afirma Pinto (2018), e por isso alguns estudos apontam que nem todas atingem sucesso o que provoca o fechamento de cerca de 30% das abertas a cada ano.

O Brasil conta em março de 2020 com seis startups que passaram a ser avaliadas com valor de mercado acima de US\$ 1 bilhão antes de vender ações para o público e se tornar uma IPO (*Initial Public Offering* - Oferta Pública Inicial – OPI), dentro do setor são denominadas de unicórnios. O quadro 1 apresenta elas resumidamente.

---

<sup>3</sup> Startups, segundo a Associação Brasileira de Startups, são novos modelos de negócios, empresas em fase inicial, que desenvolvem serviços e produtos inovadores e com base tecnológica, apresentando potencial de crescimento acelerado.

**Quadro 1 – Startups unicórnios – Brasil – março/2020**

Nome da Startup	Característica
99	Aplicativo de transporte, foi comprado em 2018 pela plataforma chinesa Didi Chuxing.
Nubank	Fintech de Banco Digital e Operadora de Cartão de Crédito.
iFood	Entrega de alimentos.
PagSeguros	A Fintech PagSeguros nasceu como um empreendimento do grupo UOL em 2006 e chegou ao patamar de 1 bilhão quando fez uma oferta de ações iniciais (IPO) na Bolsa de Valores de Nova York.
Movile	A Movile, startup de <i>venture capital</i> que investe em empresas promissoras do mercado, está por trás do iFood, da Sympla, da Spoonrocket e outros nomes que estão ganhando tração no Brasil.
Stone	Especializada em pagamentos, a Stone lançou seus títulos na Nasdaq em outubro de 2019 e conseguiu levantar 1,5 bilhão de dólares.

Fonte: Disponível em: <https://blog.contaazul.com/startups-brasileiras-unicornios>. Acesso em 04/03/2020.

Essa categoria dos unicórnios mostra para o segmento das startups a nível mundial, o potencial do mercado brasileiro. Nubank, PagSeguro e Guia Bolso são alguns dos exemplos brasileiros que tem despertado relevância internacional. Não à toa, grande parte dessas startups recebem investimentos de grandes fundos de investimentos internacionais. Alguns exemplos desses fundos são: o fundo americano Point72 Ventures, o fundo Ribbit Capital sediado no Vale do Silício com investimentos em Fintechs a nível mundial, o argentino Kaszek Ventures, e o japonês Softbank que atua no ramo das telecomunicações e internet, responsável por alguns dos maiores investimentos do ecossistema de inovação, para citar apenas alguns. O que deixa evidente essa mundialização do capital que migra e flui sem limites onde pode se ampliar.

O Censo StartSe 2017<sup>4</sup> aponta que 70% das startups brasileiras foram fundadas entre 2016 e 2017, e apenas em 2018 que atingiu os dois unicórnios da categoria, as startups Nubank e 99 que alcançaram 1 bilhão de dólares em valor de mercado. Em 2017, o Brasil aumentou em 41% o número de startups focadas no mercado

<sup>4</sup> <https://censo.startse.com/assets/download/censo-startse-2017-en.pdf>

financeiro, saindo de 219 para 309 empresas. Isso porque neste mesmo período 30 startups fecharam as portas, ou seja, o número poderia ser ainda maior.

A proliferação desse segmento financeiro tem sido crescente, como mostra o Quadro 2.

**Quadro 2** - Número de Fintechs no Brasil - 2015 a 2019

Ano	Número de Fintechs
2015	85
2016	201
2017	369
2018	453
2019	604

Fonte:Elaborado com base em dados do Fintechlab (2015-2019)

As primeiras Fintechs que apareceram no país operavam sem regulamentação até o ano de 2013, com a criação da Lei 12.865 de outubro de 2013, que previa a regulamentação das Fintechs. (COSTA E GASSI, 2017).

Segundo o Radar FintechLab existem 604<sup>5</sup> Fintechs atuando nos setores de pagamentos, gestão financeira, empréstimos, seguros, bancos digitais, negociação de dívidas, cambio e remessas, entre outras atividades. Esse crescimento exigiu que o Banco Central, por meio do Conselho Monetário Nacional - CMN, se dedicasse a normatizar o setor, principalmente para as Fintechs que trabalham com crédito. As Resoluções n.4.656<sup>6</sup> e n. 4.657 de 2018 vieram com esse propósito, autorizando-as funcionar como espécie de correspondentes bancários.

---

<sup>5</sup> Dados do 1º semestre de 2019.

<sup>6</sup> Com a Resolução 4.656/2018 o CMN passa a classificar duas modalidades de Fintechs de crédito – a Sociedade de Crédito Direto (SCD) e a Sociedade de Empréstimo entre Pessoas (SEP). As duas deverão ter autorização do Banco Central para funcionar e se submeterão a uma regulação mais rígida que antes (BRITO, 2018)

Em outubro de 2018 outra regulamentação saiu para o setor, o decreto nº 9.544, onde as Fintechs de créditos são equiparadas às demais startups na captação de recursos.

O decreto reconhece ser de interesse do governo brasileiro a participação estrangeira, em até 100%, no capital social de todas as instituições que forem constituídas como Sociedades de Crédito Direto (SCD) e Sociedade de Empréstimo entre Pessoas (SEP), abrindo a possibilidade para que Fintechs de crédito que tenham capital 100% estrangeiro operem dentro do Sistema Financeiro Nacional, apenas com autorização do Banco Central (BRITO, 2018, p.14).

Segundo Brito (2018) a Lei Complementar nº 167, de 24 de abril de 2019, sancionada pelo Congresso Nacional, alterando a LC 123/06 – Lei do Simples Nacional, criou o chamado Inova Simples, um regime especial para startups ou empresas de inovação. Também criou a Empresa Simples de Crédito (ESC) destinada à realização de operações de empréstimo, de financiamento e de desconto de títulos de crédito, exclusivamente com recursos próprios. Essa Lei pode impulsionar o surgimento de diversas Fintechs por todo o Brasil, tendo em vista a sua atuação local e a facilidade de operação.

Segundo Jorge *et al.* (2018), em abril de 2018, o Banco Digital Inter, foi a primeira startup do setor financeiro a abrir o capital no Brasil, arrecadando em torno de 800 milhões de reais que serão revertidos em *marketing*, expansão de crédito e aquisições estratégicas. Esse fato provocou uma onda de aberturas de capital e fomentou ainda mais o desenvolvimento do setor no país. Hoje no Brasil as Fintechs podem ser classificadas em 10 grandes grupos, segundo o referido autor:

1. Pagamentos e Transferência –referência: PagSeguro.
2. Gestão Financeira Empresarial –referência: Agilize.
3. Crédito–referência: Creditas e Just.
4. Crowdfunding–referência: Vakinha.
5. Criptomoedas: referência: Bitcointoyou.
6. Seguros–referência: Youse.

7. Identidade –referência: Next Code.

8. Investimentos –referência: Xp e Rico.

9. Banco Digital –referência: Original e Inter.

10. Planejamento Finanças Pessoais –referência: Guia Bolso

Embora possa soar que as Fintechs estão distantes da realidade de muitas pessoas, os serviços dessas Fintechs são, muitas vezes, massivo, usado no dia a dia sem perceber, tendo em vista a presença

sutil pois o espaço é compartilhado com marcas já estabelecidas no mercado. Um bom exemplo disso é o uso das “maquininhas de cartão”. Esse segmento por muito tempo foi dominado pela Rede (controlada pelo Itaú Unibanco), Cielo (controlado pelo Bradesco e Banco do Brasil) e GetNet (controlada pela Santander), porém nos últimos 2 anos vemos a presença de aparelhos da Stone, Morderninha e Elavon, todas startups e que estão competindo com esses gigantes do setor financeiro (JORGE ET AL, 2018, p.8)

Portanto, as Fintechs evoluem como concorrentes desafiadores, mas também aliados fortes das instituições financeiras tradicionais.

Nesse sentido, a questão da financeirização da sociedade por meio da disseminação das Fintechs demonstram de um lado mudanças na estrutura do setor bancário e financeiro no país e, por outro lado, o surgimento de novos equipamentos urbanos, embora grande parte virtuais, que passam a compor a estrutura e funcionalidade das finanças.

Embora esse segmento de startups componha um núcleo de novas atividades que surgem se apropriando do que temos materializado de inovações e tecnologias, não podemos deixar de associar essa novidade num cenário ao qual Dornelas (2001) afirma que o Brasil adentra com mais afinco no fim do século XX e início do século XXI, que é o empreendedorismo, muitas vezes colocado como opção frente ao desemprego, ao qual o fomento dado por meio do Sebrae (Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas



Empresas) e outras instituições que tiveram papel importante por meio de uma política voltada a este segmento.

Muitas das startups, não só do ramo financeiro, foram criadas diante essa conjuntura e são a partir delas que despontam muitas das Fintechs. Conforme a Associação Brasileira de Startups (ABStartups), órgão que agrega e regula as startups no Brasil, em 2015 o país contava com 4.151 startups registradas no país. No início de março de 2020 o número delas triplicou, chegando a 12.904, sendo 604 do setor de finanças.

Seguindo esse entendimento de novos processos de trabalho, Antunes (2010, p.24) afirma que o cronômetro e a produção em série e de massa são substituídos pela flexibilização da produção, pela “especialização flexível”, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado. Assim, esse cenário que se desenha no mundo do trabalho e na composição de novos fixos urbanos influenciados por esse mundo prenhe de ciência e tecnologia merece reflexões, o exemplo da uberização está aí para nos provocar nessa temática.

Portanto, o cenário é de mudanças de diferentes ordens. O desenvolvimento de novas tecnologias digitais alinhada ao crescimento extraordinário da inovação tecnológica exige maior segurança, já que tudo está se tornando descomplicado e menos burocrático, embora esse seja o novo modelo de negócio e seu diferencial.

Os serviços que envolvem o uso da internet são regulados no Brasil por meio da Lei 12.965/2014, conhecida como o Marco Legal da Internet. “Entre várias regras e direitos, a lei estabelece a importância de proteger a privacidade dos usuários e a propriedade das informações. Inclui também o tráfego de comunicações, seu armazenamento e seu uso pelos provedores de serviços”, conforme Brito (2018, p.8).

Contudo, essa expansão frenética pode provocar um colapso ou trazer riscos para os sistema financeiro de maneira geral, e nesse sentido a “tecnologia pode amplificar as ameaças aos consumidores, ao possibilitar esquemas de fraudes de larga escala, violações de privacidade de dados e riscos de cibersegurança” (MINISTÉRIO DA FAZENDA, p.6, 2019), o que exige dos órgãos reguladores tomar como preocupação às

mudanças tecnológicas e constantes inovações no que se refere as regulamentações do setor.

Muitos desses atores do campo tecnológico e financeiro operam com as incertezas sobre leis e regulamentos aplicáveis, pois diante a novidade isso ainda está se constituindo. O desafio é conseguir acompanhar o rápido crescimento de empresas e serviços prestados com tanta tecnologia. Considerando que antigamente a transição entre as fases de crescimento era gradual, hoje ocorrem de forma exponencial, segundo o Ministério da Fazenda (2019), que

as empresas financeiras tradicionais cresceram ao longo dos últimos 100 anos, com um percurso de crescimento previsível para autoridades reguladoras. No cenário atual, surgem empresas que conseguem atingir um valor de mercado bilionário em um período de tempo curto. Um caso famoso é o da empresa Yu'e Bao, um fundo de investimento do grupo chinês Alibaba que detinha 90 bilhões de dólares (4º do mundo) apenas 10 meses após a sua criação. Atualmente, é o maior fundo do mundo na sua categoria (money market fund).

Considerando que no Brasil a atuação regulatória é dividida entre várias autoridades financeiras, e que existem Fintechs que abrangem mais de um tipo de mercado, haverá uma atuação conjunta entre os reguladores para atividades que perpassem mais de um mercado regulado.

No Brasil dentre as discussões sobre diferentes modelos regulatórios, surgiu a figura do Banco de Teste Regulatório, também chamado de Sandbox<sup>7</sup>, um modelo aplicado na Inglaterra, que oferecem às empresas inovadoras a possibilidade de operar por tempo limitado, com um número reduzido de clientes e em condições determinadas pelo órgão supervisor, permitindo um acompanhamento dos riscos associados aos serviços.

Como maneira de também regular o setor e primar por sua eficiência, a Associação Brasileira de Fintechs só aceita filiados com projetos tecnológicos intensivos

---

<sup>7</sup> Para mais detalhes ver <http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/notas-informativas/2019/publicacao-spe-Fintech.pdf>.

e modelos de negócios bem definidos e estruturados como forma de assegurar a singularidade do setor.

Para se ter uma ideia do papel que estas Fintechs vem ganhando no cenário financeiro. Ilustramos o exemplo da Nubank, a partir de Guedes e Matos (2018) e de pesquisas várias sobre a mesma. A maior Fintech da América Latina, foi fundada em 2013 pela brasileira Cristina Junqueira, pelo colombiano David Vélez e pelo americano Edward Wible e tem sede em São Paulo. Em 2014, a empresa lançou seu primeiro produto, um cartão de crédito sem anuidade que é gerenciado inteiramente por um aplicativo móvel, com foco nos millennials (geração Y). Mais de 13 milhões de pessoas já pediram o cartão e a empresa tem hoje mais de 15 milhões de clientes. Em 2017, ela também lançou seu programa de benefícios e uma conta digital. Até hoje, a Nubank já captou quase US\$ 820 milhões em sete rodadas de investimento, com a participação dos fundos Sequoia Capital, Founders Fund, Kaszek Ventures, Tiger Global Management, Goldman Sachs, QED Investors e DST Global, grande parte deles norte americanos, com forte presença no Vale do Silício, mas também fundo argentino e russo compõem os investidores.

A companhia conta com 1800 profissionais e iniciou sua expansão em maio de 2019, abrindo escritórios na cidade do México e em Berlim,

Trata-se de uma experiência totalmente digital através do aplicativo (desde o momento de pedir o cartão até toda a gestão das compras, limite e faturas), a ferramenta permite o acompanhamento de compras em tempo real, atendimento humanizado por chat, e-mail, redes sociais e telefone, e não há cobrança de anuidade nem nenhuma outra tarifa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não esperamos aqui trazer todas as respostas para o objeto desse artigo, mas estreitamos a posição com autores que afirmam que a pesquisa é a busca pelo conhecimento, “alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente a realidade do mundo” (MINAYO, 2011, p.17) e é isso que esperamos com essa reflexão, acrescentar

conhecimento acerca do tema e contribuir com informações para estudos da geografia da finanças.

É nítida a percepção que a evolução tecnológica veio provocando no cotidiano das pessoas do mundo todo. As Fintechs podem ser consideradas um desses instrumentos ao quebrar o paradigma do mercado financeiro tradicional na prestação de seus serviços. E nesse sentido, a entendemos como de relevância sócio-econômica na medida em que permite não só uma análise e disseminação de sua dinâmica (re)estruturando todo um setor, mas também que as pessoas usufruam das mudanças e oportunidades que o sistema apresenta. Seja quanto ao acesso a operações financeiras com custos mais reduzidos, ou seja, como oportunidade de empreender frente a um cenário onde o desemprego é crescente e agarrar oportunidades colocadas com as novas tecnologias é uma das alternativas. Obviamente que nesse contexto, outras concentrações de capital e nichos de investimento para o capital financeiro também se constituem, compondo todo esse emaranhado de relações entre os fixos e fluxos dessa contemporaneidade.

Toda essa constituição de uma sociedade da informação não ameniza as desigualdades sociais que continuam crescentes, e o sistema socioeconômico contribui para isso, pois cria muitos bilionários, mas é incapaz de criar uma vida mais igualitária para todos. Cria espaços luminosos, mas poucos deixam de ser opacos.

## REFERÊNCIAS

ABSTARTUPS. Tudo que você precisa saber sobre startups. Disponível em: <<https://abstartups.com.br/2017/07/05/o-que-e-uma-startup/>>. Acesso em: 01 abr. 2018. Revista de Casos e Consultoria. V.9, N.3, e 931, 2018.

ALVES, F. S. Um estudo das startups no Brasil. 2014.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 213 p.

ANTUNES, R., ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**. Campinas, v, 25, n. (87), 335-351, 2004.

ARBIX, G. **Inovar ou inovar**: a indústria brasileira entre o passado e o futuro. São Paulo: Editora papagaio, USP, 2007.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BRITO, R. S. **Regulamentação sobre Fintechs: uma comparação do Brasil com o cenário mundial**. Brasília: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2018. (Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica).

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**. São Paulo: Zahar, 2001.

Censo StartSe 2017. Disponível em: <https://censo.startse.com/assets/download/censo-startse-2017-en.pdf>. Acesso em 04/03/2020.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

CONTEL, F. B. **Território e finanças**. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH**. Salvador, v.22, n.55, p. 119-134, 2009

CORRÊA, R. L. Concentração bancária e os centros de gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n.51, v.2, abr. / jun. 1989, p. 17-32.

\_\_\_\_\_. Concentração bancária e os centros de gestão do território. In: BECKER, Berta K. et al (org) **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.

COSTA, L. A.; GASSI, D. B. B. Fintechs e os bancos brasileiros: um estudo regulatório à luz da lei 12.865. **Revista Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente**. v. 13, n. 13, 2017.

DIAS, L. C. D. Por que os bancos são o melhor negócio no país? Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias. In: ALBUQUERQUE, Edu S. de (Org). **Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo**. São Paulo: Globo, 2006.

\_\_\_\_\_. O sistema financeiro: aceleração dos ritmos econômicos e integração territorial. **Anuário do Instituto de Geociências/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 43-54, 1992.

DIAS, L.C.; LENZI, M.H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH**. Salvador, v.22, n.55, p. 97-117, 2009.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2001

FACÓ, Júlio F. B.; DINIZ, Eduardo H; CSILLAG, João Mario. O Processo de Difusão de Inovações em Produtos Bancários. **Revista de Ciências da Administração**.

**Florianópolis, v. 11, n. 25, p. 151-176, set/dez 2009.**

FERRÃO, João. Inovar para desenvolver: o conceito de gestão de trajetórias territoriais de inovação. **Interações. Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande: UCDB, n. 4, março/2002.

FRAGA, N. **O fenômeno Fintech**: a nova leva de startups que invadiu o sistema financeiro. 2016. Disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Dinheiro/noticia/2016/01/o-fenomeno-Fintech-nova-leva-de-startups-que-invadiram-o-sistema-financeiro.html>. Acesso em: 01 fev. 2018.

GUEDES, J. V.; MATTOS, C. A. de. Análise de uma Fintech a partir da taxonomia de serviços. *In: XXXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO* “A Engenharia de Produção e suas contribuições para o desenvolvimento do Brasil”, Maceió, 16 a 19 de outubro de 2018.

HARVEY, D. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JORGE, R. R.; GERARDI, L., *et al.* O ecossistema de Fintechs no Brasil. **Revista de Casos e Consultoria**. Natal, V. 9, N.3, 2018.

MACKENZIE, A. The Fintech Revolution. London Business School .v. 26, 2015, p.50-53.

MARQUES, F. F. **Nubank: O Mercado de Fintechs no Brasil**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. (Monografia do Curso de Graduação em Administração).

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *et al.* **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTIN, R. The new economic geography of money. *In: MARTIN, Ron (Ed.), Money and the space economy*. New York: Wiley & Sons, 1999, p. 3-27.

MÉNDEZ, R. Redes de colaboración y economia alternativa para la resiliencia urbana: una agenda de investigación. **Biblio3W**. Barcelona, 2015, XX(1.139), 24.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Secretaria de Política Econômica. **Fintechs e Sandbox no Brasil**. jun. 2019. Disponível em: <http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/notas-informativas/2019/publicacao-spe-Fintech.pdf>. Consulta em 03/03/2020.

NOVO Radar FintechLab mostra crescimento de 36% no número de Fintechs do Brasil. 2017. Disponível em: <http://Fintechlab.com.br/index.php/2017/11/24/novo-radar-Fintechlab-mostra-crescimento-de-36-no-numero-de-Fintechs-do-brasil/>. Acesso em: 01 fev. 2018.

PASCUAL, A. W.; RIBEIRO, V. M. **O advento das Fintechs** - os novos modelos de negócio baseados no uso intensivo da tecnologia da informação. Rio de Janeiro:

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018, 163 fls. (Projeto de Graduação apresentado ao Curso de Engenharia de Produção da Escola Politécnica).

PEER-TO-PEER lending: **Banking without banks**. 2014. Disponível em: <https://www.economist.com/news/finance-and-economics/21597932-offering-both-borrowers-and-lenders-better-deal-websites-put-two> . Acesso em: 01 fev. 2018.

PINTO, A. A. B. **Fintechs: o futuro dos serviços financeiros no Brasil**. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018 (Monografia de especialização em Gestão Financeira).

PIRES, H. F. Liquidações Extrajudiciais, Privatizações e Globalização Financeira no Brasil: A crise do setor público financeiro na era do Real. **Revista Ciência Geográfica**. Bauru, N.15, 2001.

\_\_\_\_\_. Globalização e integração financeira e tecnológica entre os países emergentes: O Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 27, 2015, p. 283-292.

RETROSPECTIVA FintechLab mostra mais de R\$ 1 bi de investimentos nas Fintechs em 2017. 2018. Disponível em: <http://Fintechlab.com.br/index.php/2018/01/23/retrospectiva-Fintechlab-mostra-mais-de-r-1-bi-de-investimentos-nas-Fintechs-em-2017/> . Acesso em: 01 fev. 2018.

RODRIGUES, M. **Quem investe em Fintech no Brasil: conheça os principais players**. 2017. Disponível em: <https://conteudo.startse.com.br/mercado/mariana-rodrigues/quem-investe-em-Fintech-no-brasil-conheca-os-principais-players/> . Acesso em: 01 fev. 2018.

SANTOS, M. Modernidade, meio-técnico científico e urbanização no Brasil. **Cadernos IPPUR/UFRJ**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 9-22, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. O retorno do território. In: **Território Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**, 15ª ed; Rio de Janeiro: Record, 2011.

SEGUNDO, J. J. de M. N.; MAGALHÃES, S. **Bancos comunitários**. 2009 Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4059/1/bmt41\\_10\\_Eco\\_Bancos\\_41.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4059/1/bmt41_10_Eco_Bancos_41.pdf)

SILVEIRA, M.L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**. Salvador, v.22, n.55, p. 65-76, 2009.

SOKOL, M. Towards a 'newer' economic geography? Injecting finance and financialisation into economic geographies. **Cambridge Journal of Regions**, Economy and Society v.2, p. 501-515, 2009.

STARTSE. Regulamentação do open banking no Brasil sairá em breve, segundo Banco Central. 2019. Disponível em: <https://www.startse.com/noticia/nova-economia/regulamentacao-open-banking-banco-central>. Acesso em: 03/2020

VALE, M.. Conhecimento, inovação e território. **Finisterra**. Revista Portuguesa de Geografia, vol XLIV, n.88. Lisboa, 2009.

VIDEIRA, S. L. **Globalização financeira**: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil. Guarapuava: Editora Unicentro, 2009.

TELEFÔNICA. **A sociedade da informação no Brasil** – presente e perspectivas. s/l: Takano, 2002, 241p.

Recebido em março de 2020.

Aceito para publicação em abril de 2020.